

13

A única dádiva

Conta-se que Simão Pedro estava cansado, depois de vinte dias junto do povo.

Banhara ferimentos, alimentara mulheres e crianças esqueléticas, e, em vez de receber a aprovação do povo, recolhia insultos velados, aqui e ali...

Após três semanas consecutivas de luta, fatigara-se e preferira isolar-se entre alcaparradeiras amigas.

Por isso mesmo, no crepúsculo anilado, estava, ele só, diante das águas, a refletir...

Aproxima-se alguém, contendo...

Por mais busque esconder-se, sente-se procurado.

E' o próprio Cristo.

— Que fazes, Pedro? — diz-lhe o Senhor.

— Penso, Mestre.

E o diálogo prolongou-se.

— Estás triste?

— Muito triste.

— Porquê?

— Chamam-me ladrão.

— Mas se a consciência te não acusa, que tem isso?

— Sinto-me desditoso. Em nome do amor que me ensinas, alivio os enfermos e ajudo aos neces-

sitados. Entretanto, injuriam-me. Dizem por aí que furto, que exploro a confiança do povo... Ainda ontem, distribuía os velhos mantos que nos foram cedidos pela casa de Carpo, entre os doentes chegados de Jope... Alegou alguém, inconsideradamente, que surrupiei a maior parte... Estou exausto, Mestre. Vinte dias de multidão pesam muito mais que vinte anos de serviço na barca...

— Pedro, que deste aos necessitados nestes últimos vinte dias?

— Moedas, túnicas, mantos, unguentos, trigo, peixe...

— De onde chegaram as moedas?

— Das mãos de Joana, a mulher de Cusa.

— As túnicas?

— Da casa de Zobalan, o curtidor.

— Os mantos?

— Da residência de Carpo, o romano que decidiu amparar-nos.

— Os unguentos?

— Do lar de Zebedeu, que os fabrica.

— O trigo?

— Da seara de Zaqueu, que se lembra de nós...

— E os peixes?

— Da nossa pesca.

— Então, Pedro?

— Que devo entender, Senhor?

— Que apenas entregamos aquilo que nos foi ofertado para distribuírmos, em favor dos que necessitam. A Divina Bondade conjuga as circunstâncias e confia-nos de um modo ou de outro os elementos que devamos movimentar nas obras do bem... Disseste servir em nome do amor...

— Sim, Mestre...

— Recorda, então, que o amor não relaciona calúnias, nem conta sarcasmos.

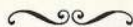
O discípulo, entremostrando súbita renovação mental, não respondeu.

Jesus abraçou-o e disse apenas:

— Pedro, todos os bens da vida podem ser transmitidos de sítio a sítio e de mão em mão... Ninguém pode dar, em essência, esse ou aquele patrimônio do mundo, senão o próprio Criador, que nos empresta os recursos por Ele gerados na Criação... E, se algo podemos dar de nós, o amor é a única dádiva que podemos fazer, sofrendo e renunciando por amar...

O apóstolo compreendeu e beijou as mãos que o tocavam de leve.

Em seguida, puseram-se ambos a falar alegremente sobre as tarefas esperadas para o dia seguinte.



A resposta do benfeitor

Em plena reunião, Venâncio, o orientador espiritual, senhoreava o aparelho mediúnico e falava para a assembleia de oito pessoas:

— E' o culto do Evangelho, meus amigos. Precisamos de companheiros que se disponham a efetua-lo no ambiente de nossos irmãos Silverini. A família recorre aos nossos préstimos e apelaremos, por nossa vez, para a misericórdia do Senhor. O Evangelho é a nossa carta de crédito e o quadro é doloroso. Cinco jovens obsidiados. Imaginem-se vocês no lugar desses pais de coração aflito. A palavra da Boa Nova, porém, transformará o clima doméstico. Com o ensinamento de Jesus, os desencarnados menos felizes mostrar-se-ão tocados de remorso e os amigos que nos propomos socorrer encontrarão forças multiplicadas para a sustentação da paciência. Para isso, nós, os humildes trabalhadores espirituais, necessitamos das vozes e das mãos de vocês. Estimaremos, assim, ouvi-los a respeito do assunto. Quem do grupo é capaz de ajudar-nos nesse cometimento? Basta estejamos na casa dos Silverini, duas horas por noite, duas vezes por semana...

Ninguém respondeu.

Venâncio, contudo, voltou à carga, perguntando nominalmente:

— Que me diz, César?

E César, o diretor da equipe, gaguejou: